

---

## Um olhar sobre a romantização da violência em telenovelas<sup>1</sup>

Gêsa CAVALCANTI<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN

### RESUMO

Esta pesquisa é parte de um levantamento mais amplo que tem como foco mapear a forma como a ficção seriada brasileira exerce, historicamente, um importante papel na construção de sentidos, podendo ser pensada como um instrumento para promoção da cidadania. Aqui, especificamente, exploro do ponto de vista teórico o modo como a telenovela romantiza a violência. Analiso então um momento específico da telenovela *Renascer*, comparando a versão original de 1991 com o remake produzido em 2024 para pensar em como a moral e valores vigentes exercem suas influências na construção nas noções de masculinidade e consentimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura do Estupro; *Renascer*; Romantização, Telenovela.

### INTRODUÇÃO

A pesquisa em telenovela ocupa-se dos valores que a telenovela discute, emergidos, como destaca Maria Aparecida Baccega, na realidade sociocultural do país, ou ao menos de uma certa realidade. Sendo assim, é importante pensar sobre os sentidos que a telenovela negocia com os seus telespectadores e como tais sentidos, a longo prazo, têm um papel significativo na tecitura social do Brasil. Nesse sentido, ganha realce a importância de olhares históricos que investigam como a realidade apresentada na telenovela se movimenta, dialogando assim como a moral e os valores vigentes.

É partindo disso que exploro aqui o modo como o remake da telenovela *Renascer* altera uma cena específica, o primeiro beijo entre os protagonistas Maria Santa e José Inocência. Cena que, como posta na versão original que foi ao ar em 1993 se alinha - como veremos na análise - com a noção de violência e masculinidade que verbera padrões de uma cultura do estupro.

Parto aqui da hipótese de que três problemas são recorrentes na forma como o estupro é representado por produtos midiáticos ficcionais. Uma primeira problemática reside na forma como o estupro tem sido usado como puro recurso mobilizador de narrativas (Cavalcanti, 2017; Cavalcanti; Ferreira, 2023). Uma segunda questão envolve a existência de representações que operam uma tentativa de pedagogia/conscientização

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Publicidade e Propaganda da UFRN. Doutora em Comunicação pela UFPE. Bolsista Pós-Doc Jr CnpQ - Projeto Humanidades, USP.

que acaba reforçando mitos<sup>3</sup> da cultura do estupro. Por fim, há ainda o estabelecimento de relações entre o não consentimento e o prazer que vende a violência como algo sexy ou romantizado. É justamente esta última problemática que exploramos nesta pesquisa.

A relação entre o não consentimento e o prazer é, aposto aqui, a mais danosa de tais problemáticas justamente por não ser facilmente lida como um procedimento da cultura do estupro pela audiência. É justamente esse ponto que exploro nesta pesquisa.

### **Romance, violência e não consentimento**

De acordo com Andrea Dworkin, os conteúdos pornográficos reforçam a ideia de que as mulheres estão sempre dispostas ao sexo. Em seu livro *Letters from a war zone*, a autora nos lembra que os homens acreditam nessa noção de sexualidade que a pornografia difunde, uma noção em que “as mulheres resistem ou dizem não apenas para que os homens a forcem e usem cada vez mais força e brutalidade” (Dworkin, 1993), sendo tal brutalidade secretamente desejada. Para a autora, os sentidos sobre sexo e sexualidade que a pornografia constrói no imaginário masculino são tão fortes que “os homens acreditam em pornografia, mas não conseguem acreditar nas mulheres quando elas dizem não”. (Dworkin, 1993 p.11).

No entanto, não são apenas os conteúdos pornográficos que vendem aos homens a ideia de que as mulheres estão disponíveis. Produtos ficcionais de diferentes gêneros e pensados para audiências mais gerais, como as telenovelas, também constroem sentidos que permitem pensar na mulher de forma objetificada e em sua existência para o prazer masculino. Há ainda que se considerar essa lógica no agente inverso, ou seja, a criação de imagens que reforçam na cabeça das mulheres um ideal de masculinidade e noções sobre amor e romance que são nocivas justamente por normalizarem comportamentos violentos.

Existe uma relação íntima entre os conteúdos românticos que vemos na mídia e a forma como construímos nossos ideais sobre romance. Tal relação é documentada em pesquisas diversas que indicam que as mulheres, principalmente, estão dispostas a

---

<sup>3</sup> Embora, como observo em Cavalcanti (2016), tais mitos variem entre sociedades e culturas, existe um padrão: “eles culpam a vítima pelo estupro, expressam uma descrença nas acusações de estupro, exoneram o culpado e passam a ideia de que apenas certas mulheres são estupradas” (Grumb, 2012). Payne, Lonsway e Fitzgerald (1999 apud: Harding, 2015) listam os seguintes mitos: 1) Ela pediu por isso; 2) Não foi de fato um estupro; 3) Ele não teve a intenção de fazer isso; 4) Ela queria; 5) Ela está mentindo; 6) Estupro é algo trivial; 7) Estupro é um evento desviante

endossar comportamentos ciumentos, controladores e manipuladores por parte de seus pares românticos, pois, acreditam que esses comportamentos as protegem, preservam o relacionamento ou são um sinal de amor (Papp et., al 2017). Em *Romantic Love and Violence*, Jane Smith (2012) explica:

As mulheres até citam o amor como explicação para permanecerem com homens que são violentos com elas, e os homens abusivos muitas vezes citam-no como a razão da sua violência (Borochowitz e Eisikovitz 2002). Apesar desta estreita ligação com a violência ou o abuso, o amor, tal como é popularmente entendido, é reservado àqueles com quem aparentemente nos importamos (Smith, 2012 p.44).

A centralidade que as sociedades ocidentais dão ao amor e a busca pela outra metade está no cerne da problemática que envolve essa normalização do abuso. Como explica Lins, a mulher em nossa cultura, ao finalmente encontrar tal par, torna-se uma espécie de Bela Adormecida ao contrário. O beijo do suposto príncipe não a desperta, tendo o efeito contrário: faz com que ela adormeça “para quem é, para quem ele é, para a realidade. Adormece e se esforça para ficar adormecida” (Lins, 2007. p.93).

O cinema e a televisão transformam esses padrões violentos em produtos culturais, essas indústrias embalam homens infiéis e com medo de compromisso, homens com problemas de comunicação ou que simplesmente não sabem ouvir um não, e nos vendem como desejáveis.

É costumaz que a noção de “sexy” esteja relacionada a uma violência e isso se manifesta em diferentes produtos em diversos níveis. Isso acontece, por exemplo, em novelas como *A Gata Comeu* (Rede Globo, 1985), *Renascer* (1993) e *Coração de Estudante* (Rede Globo, 2002) e *Malhação* (Rede Globo, 2016-2017). Uma análise desses exemplos será apresentada na versão completa da pesquisa.

### **Renascer: o primeiro beijo de Maria Santa e José Inocência<sup>4</sup>**

A primeira versão de *Renascer* estreou em fevereiro de 1993. Escrita por Benedito Ruy Barbosa e revisada por suas filhas. Já o remake estreou em janeiro de 2024, sendo adaptada por Bruno Luperi, neto de Benedito Ruy Barbosa. A trama é dividida em duas fases, a primeira conta a história José Inocência e sua jornada para se

---

<sup>4</sup> Por questões de extensão, não estão postas nesse resumo as imagens que permitem ilustrar as cenas, planos e desenvolvimentos citados.

tornar um dos maiores fazendeiros da zona cacauceira de Ilhéus, na Bahia. Além disso, tem como foco o desenvolvimento da relação de Inocêncio e Maria Santa, a Santinha, mãe de seus quatro filhos. A segunda fase, décadas após a morte de Maria Santa, trata da relação de José Inocêncio com seus filhos e as antigas disputas territoriais com outras famílias fazendeiras de cacau.

Me interessa estabelecer uma comparação do ponto de vista estético narrativo na forma como essas duas tramas apresentam a cena de primeiro beijo dos personagens Maria Santa e José Inocêncio. Em ambas as versões, Maria Santa e José Inocêncio se conhecem na chamada “festa do boi”, uma celebração cultural comum nas terras e em que Venâncio, pai de Maria Santa, veste-se como o bumba-meu-boi e visita diferentes fazendas levando consigo uma festa. Depois desse encontro, José Inocêncio não consegue tirar Santinha da cabeça. Ele então procura Venâncio para deixar claro seu interesse por Santinha. Já aqui podemos destacar a falta de agência da personagem feminina sobre o interesse ou não na relação.

Cabe dizer que existem outros pontos narrativos que complexificam a questão, como a falta de comunicação familiar e educação sexual na casa de Maria Santa, além de um possível incesto que vai sendo insinuando durante a trama, tanto na primeira quanto na segunda versão.

O primeiro beijo de Maria Santa e José Inocêncio, na primeira versão, acontece no quintal da casa da personagem. Maria Santa está voltando do rio após ter ido lavar roupa. Ela então se depara com Inocêncio em sua porta. Há uma dilatação do tempo que é usada para marcar esse encontro, os personagens se olham, uma melodia romântica compõe a paisagem sonora, ambos parecem nervosos. José Inocêncio chega a gaguejar, aqui a intenção parece ser mostrar a força do sentimento que existe entre o casal, a existência de um sentimento avassalador.

A câmera coloca, o tempo todo, José Inocêncio em um lugar de superioridade pelo ângulo adotado, o vemos sempre de cima ou a altura do ombro, enquadramentos que favorecem esse sentido. Maria Santa é vista de cima para baixo, o reforça a ideia de dominada (Maria Santa) e dominante (José Inocêncio).

Maria Santa baixa os olhos, ela evita olhar para José Inocêncio e então informa “pau não tá”. José Inocêncio pede para que ela não tenha medo. “*Não se assuste Maria Santa, eu sou de paz*”. Ele repete que seus pais não estão, e olha para o lado

---

parecendo apavorada. A mocinha pede para que ele vá embora, mas o fazendeiro insiste em ficar. Ele se aproxima e Maria Santa fecha os olhos e olha para cima: *“Eu tô aqui por sua causa Maria Santa, e você sabe disso. Eu só te vi uma vez no bumba e nunca mais te esqueci, Maria Santa. E não vou te esquecer nunca”*.

José Inocência tenta beijar Maria Santa que se afasta e corre, então vemos o fazendeiro ir atrás dela. Ele é mais rápido, segura Santinha que acaba caindo, ele a puxa pelas pernas enquanto a mocinha se debate, ele fica por cima, a beija forçosamente. Maria Santa não corresponde, os braços imobilizados entre os corpos deles. Ela para de se debater, mas segue imóvel. José Inocência ri apaixonado e a encara, Maria Santa pede para que ele vá embora. José Inocência levanta e diz que ela será a mãe dos filhos dele, ele celebra, sobe em seu cavalo e deixa Santinha no chão.

Na segunda versão, quando chega na casa de Venâncio e não o encontra, José Inocência começa a andar pelas terras. Ele acaba chegando até uma cachoeira, encantado, explora o lugar. Quando chega as margens do corpo de água, ele vê Maria Santa que emerge. Eles percebem a presença um do outro, José Inocência se vira pra não vê-la nua e pede desculpas adicionando *“eu não queria ter lhe visto, não. Quer dizer, não desse jeito”* enquanto sorri, mas mantém-se virado na intenção de dar privacidade a Maria Santa que pede que ele vá embora. José Inocência diz que veio procurar pelo pai dela, Maria Santa repete o pedido para que ele vá embora.

José Inocência se mantém de costas, mas não vai embora. Ele pega o vestido de Santinha para que ela o alcance. *“Vá simhora se não eu grito”*, afirma Maria Santa. José Inocência diz que não quer mal nenhum a garota, ela então levanta, escondendo o corpo com os cabelos, e sai do rio cautelosamente, os olhos fixos em José Inocência. Maria Santa se veste, e José Inocência pergunta se ode se virar.

Eles se olham, o tempo se dilata nesse momento. José Inocência se apresenta, é a primeira vez que eles estão de fato se falando, assim como na versão original. Santinha pede para que José vá embora, ele diz que fará isso, mas pede que ela explique o porquê. *“Porque mainha disse”*, é a resposta dela. José Inocência nota que Santinha está se tremendo e se afasta, pega uma coberta e envolve-a em Maria Santa.

Eles estão próximos, notamos o olhar de Maria Santa nele, é o rosto dela em foco majoritário. Maria Santa olha para os lábios de José Inocência, ambos se movem, eles se beijam. Esse é o gancho que encerra o capítulo. Retomamos no capítulo seguinte

---

na mesma cena, o beijo segue. Vemos o beijo de um plano aberto, Maria Santa acaricia José Inocência. É ela que interrompe o beijo.

José Inocência pede para que Santinha não fuja dele, ela parece em conflito. Ele se declara, diz que não consegue parar de pensar nela e pergunta porque ele está com medo. “Eu não quero lhe assustar, aliás, eu nem queria que nada disso tivesse acontecido. Não dessa maneira”. Eles se mantêm próximos, Santinha pede para que Inocência vá embora para que Venância não o mate, e então diz que ele não quer que ele morra. Ela aproxima a boca da dele, o casal se beija novamente, e então ela vai embora deixando José Inocência na margem da cachoeira.

### **Conclusões**

O comparativo entre as cenas considerando o espaçamento temporal de mais de trinta anos entre uma novela e outra nos permite perceber os reflexos de movimentos feministas, sendo atravessado pela forma como a sociedade midiaticizada organiza e regula práticas sociais através das redes digitais. Afinal de contas, significativa parcela dos telespectadores da nova versão de *Renascença* são também interagentes em redes sociais e muito facilmente mobilizam-se para apontar problemáticas nessas representações.

Na versão original, a noção de masculinidade hegemônica de um homem no nordeste no imaginário coletivo da época pode ser usada para justificar a abordagem. No entanto, menos do que considerar se aquilo era aceitável ou não em 1993, meu foco está em analisar como a cena faz parte de um processo mais amplo através do qual a telenovela, assim como outros produtos midiáticos, que associa a violência e falta de consentimento a noção de sexy. Na cena, o desejo é usado para justificar a violência de José Inocência contra Maria Santa. Parece que a cena está dizendo que aquele homem gosta tanto daquela mulher que não é capaz de se controlar, que é algo mais forte do que ele. Há uma romantização da violência física e emocional, uma demarcação de controle que se executa tanto pelos gestos dos atores em cena, quanto pelo uso da câmera por parte da direção, e ainda pelo próprio texto. José Inocência domina a terra com seu trabalho nas plantações de cacau, e domina Maria Santa. Todos esses aspectos favorecem um reforço da cultura do estupro.

No remake muitas dessas problemáticas são resolvidas. Na cena entre José Inocêncio e Maria Santa a escolha dos ângulos e planos são mais favoráveis à ideia de consentimento, assim como a agência da personagem que decide quando se aproximar e quando recuar. Apesar disso, há um momento da cena que merece atenção, enquanto o José Inocêncio do remake não faz uso de força física, ele manipula a situação ao pegar o vestido de Maria Santa. Outro ponto importante é que as referências no texto aos pais de Maria Santa realçam o controle familiar e patriarcal.

Permanece em José Inocêncio em ambas as versões essa ideia de persistência masculina como algo positivo, romântico, a ideia de que a insistência significa amor.

Realço a importância de perceber esses sentidos construídos pela telenovela e a visão histórico-evolutiva dos mesmos principalmente pela ideia de que a telenovela opera através daquilo que Maria Motter (2003) chama de atenção desmobilizada, tendo maior facilidade de fixar valores e sentidos sobre amor, masculinidade, sexo e desejo.

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Gêsa. Representação dos Mitos do Estupro na Minissérie Justiça. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 19., Fortaleza, 29 jun a 01 jul. 2017. Anais [...]. Fortaleza, 2017

CAVALCANTI, G.; FERREIRA, V. A Cultura Do Estupro Na ficção Seriada: Os Mitos Representacionais No Seriado Justiça. *Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde* 2021, 15.

DWORKIN, Andrea. *Letter from a War Zone*. New York: Lawrence Hill Books, 1993.

HARDING, Kate. **Asking for it: the alarming rise of rape culture** – and what we can do about it. Boston: Da Capo Lifelong Books, 2015

LINS, Regina Navarro. **A Cama na Varanda**. Rio de Janeiro: Editora BestSeller, 2006.

MOTTER, Maria Lourdes., *Ficção e Realidade: A construção do cotidiano na telenovela*. São Paulo: Alexa Cultural, Comunicação & Cultura - Ficção Televisiva, 2003.

PAPP, Leanna J.; LISS, Miriam; ERCHULL, Mindy J.; GODFREY, Hester; WAALAND-KREUTZER, Lauren. The Dark Side of Heterosexual Romance: Endorsement of Romantic Beliefs Relates to Intimate Partner Violence. *Sex Roles*, v. 76, n. 1-2, p. 99-109, 2017.

SMITH, J.M. Romantic Love and Violence. In: \_\_\_\_\_. *Murder, Gender and the Media*. London: Palgrave Macmillan, 2012. p. 43-61.